

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

2 a 15 de Janeiro de 2017 | Nº 125 | Ano V • Director: José Luís Mendonça •

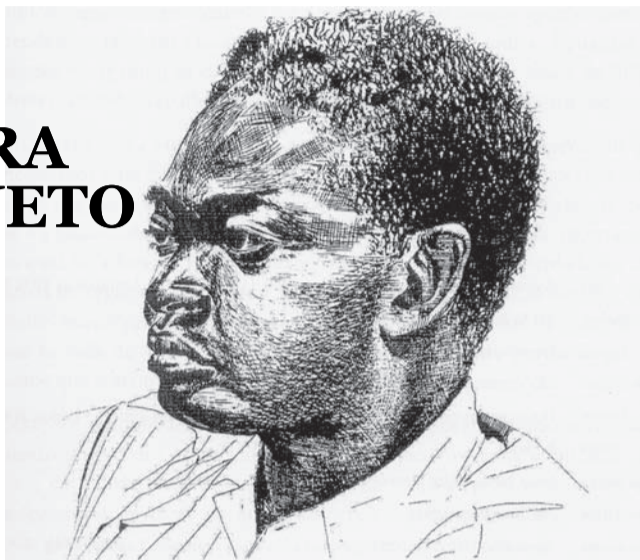
Kz 50,00

ECO DE ANGOLA

Pág. 3

PRÉMIO MANDELA PARA AGOSTINHO NETO

O Dr. António Agostinho Neto, primeiro Presidente angolano, foi agraciado, a título póstumo, com o Prémio Mandela de AUDÁCIA, pela sua contribuição para as independências de Angola, do Zimbábue e da Namíbia, pelo fim do Apartheid e a consequente libertação de Nelson Mandela.



“ESPERTO” COM “ESPERTO” NÃO CAÇA RATOS

“Esperto” com “esperto” não caça ratos é um provérbio que tem uma estória simples. O gabarola com outro gabarola não tem êxito na sua empreitada. Assim falam os mais velhos.



LETRAS

Págs. 4 e 5

BARRA DO KWANZA

Págs. 13 a 15

LUANDA, NOSSA NGUIMBI

Luanda não é só a Rua dos Mercadores, nem a Mutamba, nem a Baixa, nem a Baía onde, quando a maré estava baixa, desaguavam os esgotos a céu aberto, e que cederam o seu lugar a um jardim e de futuro a vinte e cinco torres de betão. É muito mais. É o espaço acolhedor, são as suas gentes, vindas com a guerra e com o pós-guerra, os seus cheiros que variam entre a maresia, o óleo velho de fritar a magoga e as frutas das zungueiras que com elas deambulam pelas ruas, o calor dos próprios corpos, os sons dos Ndeles, garças cândidas de bico preto e patas amarelas, e dos corvos brancos de asas negras, à beira mar, é o seu nome, que foi mudando, ao longo de vários séculos.



DIÁLOGO INTERCULTURAL

Págs. 10 e 11

FRANCIS PONGE, POETA DAS COISAS NATURAIS

No Poema, Ponge diz que “o homem julga a natureza absurda, ou misteriosa, ou madrastra. Bem. Mas a natureza não existe a não ser pelo homem”. Ele projecta, idealiza o homem harmonizado com os quatro elementos: a terra, o fogo, a água e o ar.

ARTES

Pág. 8

KALIBRADOS DISPONIBILIZA “DIÁRIOS DA REPÚBLICA”

“Diários da República” é a mais recente obra discográfica do Kalibrados. A partir de 24 de Dezembro passado, o disco surgiu como uma oferenda de Natal aos amantes que se mantiveram fiéis às rimas e estórias que este grupo propagou.



POESIA DE FEDERICO GARCÍA LORCA



1910

Intermédio

Aqueles meus olhos de mil novecentos e dez
não viram enterrar os mortos
nem a feira de cinza de quem chora pela madrugada
nem o coração que treme encurralado como um cavalo-marinho.

Aqueles meus olhos de mil novecentos e dez
viram a parede branca onde mijavam as meninas,
o focinho do touro, a seta venenosa
e uma lua incompreensível que iluminava pelos cantos
os pedaços de limão seco sob o negro duro das garrafas.

Aqueles meus olhos no pescoço da égua,
no seio trespassado de Santa Rosa adormecida,
nos telhados do amor com gemidos e frescas mãos,
em um jardim onde os gatos comiam as rãs.

Desvão onde a velha poeira congrega estátuas e musgos.
Caixas que guardam silêncios de caranguejos devorados.
No lugar onde o sonho tropeçava com sua realidade.
Ali meus pequenos olhos.

Não me perguntem nada. Eu vi que as coisas
quando buscam seu curso encontram seu vazio.
Há uma dor de ocos pelo ar sem ninguém
e nos meus olhos criaturas vestidas. Sem nudez!

PAISAGEM COM DUAS TUMBAS E UM CÃO ASSÍRIO

Amigo,
levanta-te para que ouças uivar
o cão assírio
As três ninfas do câncer estiveram dançando,
meu filho.
Trouxeram umas montanhas de lacre vermelho
e uns lençóis duros onde o câncer estava dormindo.
O cavalo tinha um olho no pescoço
e a lua estava num céu tão frio
que teve de rasgar seu monte de Vênus
e afogar em sangue e cinza os cemitérios antigos.

Amigo,
desperta, que os montes ainda não respiram
e as ervas de meu coração encontram-se em outro lugar.
Não importa que estejas cheio de água do mar.
Eu amei por muito tempo um garoto
que tinha uma plúmula na língua
e vivemos cem anos dentro de uma navalha.
Desperta. Cala. Escuta. Ergue-te um pouco.
O uivo
é uma longa língua roxa que deixa
formigas de espanto e licor de lírios.
Já vêm até a rocha. Não alargues tuas raízes!
Aproxima-se. Geme. Não soluces em sonho, amigo.

Amigo!
Levanta-te para que ouças uivar
o cão assírio.

Federico García Lorca (1898-1936) foi poeta e dramaturgo espanhol, membro da chamada Geração de 27, autor de livros como o Romancero gitano (1928), Poeta em Nueva York (1940) e Llanto por Ignacio Sánchez Mejía (1935). Morreu fuzilado, em 1936, durante a Guerra Civil Espanhola, por ser homossexual.

É um dos autores fundamentais da poesia do século 20 e exerceu influência em diversos autores de língua espanhola, como Pablo Neruda. Sua lírica incorporou temas e recursos poéticos que vão das canções populares espanholas até a cultura cigana andaluza, o barroco de Góngora e o surrealismo.

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Um jornal comprometido

com a dimensão cultural do desenvolvimento

Nº 125 / Ano VI / 2 a 15 de Janeiro de 2017

E-mail: cultura.angolana@gmail.com

site: www.jornalcultura.sapo.ao

Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Secretária:

Ilda Rosa

Assistente Editorial:

Coimbra Adolfo (Matadi Makola)

Fotografia:

Paulino Damião (Cinquenta)

Arte e Paginação:

Jorge de Sousa

Alberto Bumba

Sócrates Simóns

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: Mário Pereira, Pedro Ângelo, Sandra Poulson

Moçambique: Carlos dos Santos

Brasil: Doroty Santos

Espanha: Federico García Lorca

França: Francis Ponge

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 | Telefone geral (PBX): 222 333 344
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

António José Ribeiro

(presidente)

Administradores Executivos

Victor Manuel Branco Silva Carvalho

Eduardo João Francisco Minvu

Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Catarina Vieira Dias da Cunha

António Ferreira Gonçalves

Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril

Administradores Não Executivos

Olimpio de Sousa e Silva

Engrácia Manuela Francisco Bernardo

PRÉMIO MANDELA 2016

AUDÁCIA PARA AGOSTINHO NETO

Prémio Mandela de 2016 destaca a audácia de Agostinho Neto que continua a ser uma fonte de inspiração e de orientação para as novas gerações em Angola e no Mundo

O Prémio Mandela é uma distinção tutelada pelo Instituto Mandela, um "think Thank" (grupo de reflexão) com sede na Universidade de Bordeaux, França, sub-dividido em quinze categorias, cujo objectivo principal é prestar reconhecimento a pessoas individuais e colectivas que se tenham destacado na realização de acções em prol do continente e da paz, dentro do espírito de Nelson Mandela.

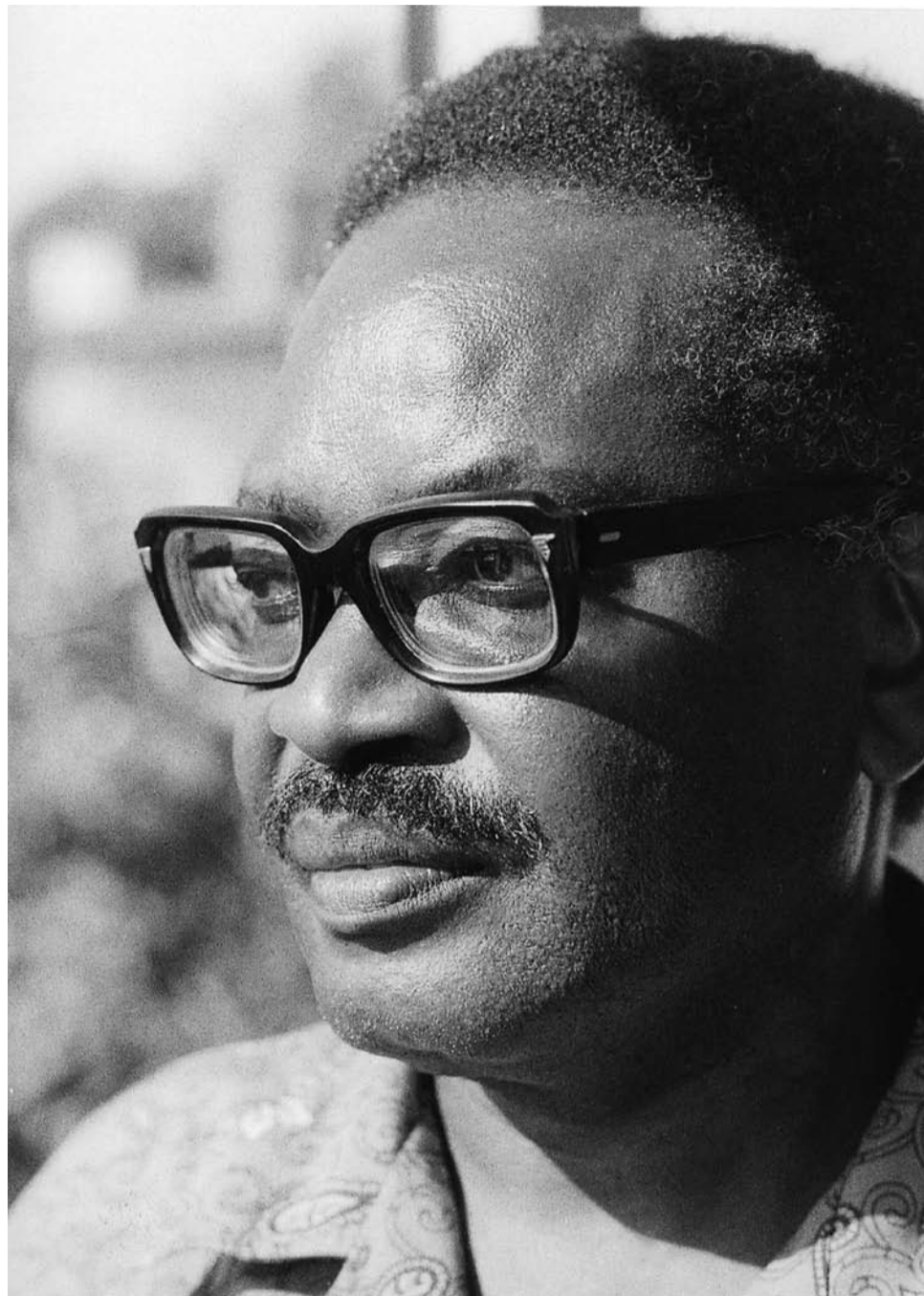
Para a edição de 2016, o Instituto Mandela (www.institutmandela.com), presidido pelo Dr. Paul Kananura, anunciou a recepção de 3.623 candidaturas, nomeadamente: 3.191 candidaturas populares, 25 candidaturas individuais, 388 candidaturas diplomáticas e 19 candidaturas oficiais. Destas, no decorrer da primeira fase de avaliação, o Comité Organizador do Prémio descartou 867 candidaturas, por considerá-las pouco motivadoras para concorrerem ao Prémio, restan-

do assim um universo de 2.756 dossiers, que, submetidos a uma segunda fase de avaliação do júri, reduziu-se a 75 dossiers, à razão de cinco dossiers por cada categoria concorrente, onde, por sua vez, foram seleccionados os 15 laureados do certame.

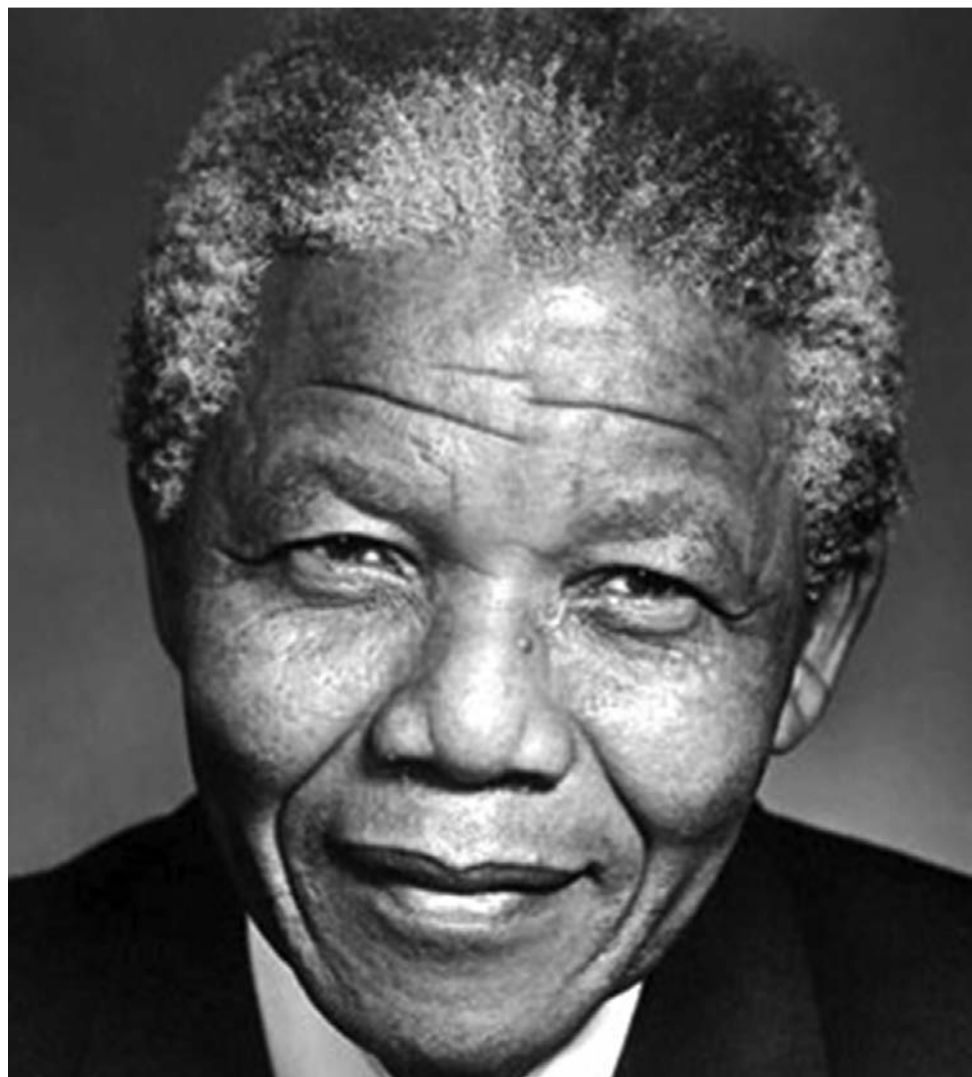
Assim, o Dr. António Agostinho Neto, Presidente-Fundador da República de Angola e Patrono da Fundação Dr. António Agostinho Neto (FAAN), foi agraciado, a título póstumo, com o Prémio Mandela de AUDÁCIA, pela sua contribuição heróica na luta pelas independências de Angola, do Zimbabwe e da Namíbia, pelo fim do Apartheid na África do Sul e a consequente libertação de Nelson Mandela.

Com mais este reconhecimento póstumo, o Prémio Mandela de 2016 destaca a audácia de Agostinho Neto que continua a ser uma fonte de inspiração e de orientação para as novas gerações, em Angola e no Mundo.

(Nota de Imprensa emitida pela Fundação Dr. António Agostinho Neto, aos 27 de Dezembro de 2016. Título e sub-título da redacção deste jornal)



Dr. António Agostinho Neto



Nelson Mandela



Uma das múltiplas visitas do Presidente Neto acompanhado pelas FAPLA

“ESPERTO” COM “ESPERTO” NÃO CAÇA RATOS

“Esperto” com “esperto” não caça ratos é um provérbio que tem uma estória simples. Como todas as estórias que dão corpo ao universo utópico que fundamenta a sabedoria implícita no provérbio, também neste caso estamos perante um mundo rural onde a caça se alia à agricultura para completar a dieta alimentar do grupo em causa.

Caçar é um exercício que implica dominar saberes que tornam o caçador alguém que se destaca não porque se gaba mas porque domina uma prática assertiva.

O gabarola com outro gabarola não tem êxito na sua empreitada.

Assim falam os mais velhos.

“ESPERTO” COM “ESPERTO” NÃO CAÇA RATOS

É um provérbio que resulta de um conto que foi por nós recolhido no município da Quilenda.

Como diz Óscar Ribas: “na vida prática só os adultos, em regra as mulheres idosas, [podem ilustrar] os seus juízos com provérbios” (RIBAS, 1979, p. 132) e muitos deles resultam de contos para que são remetidos os ouvintes donde o seu sentido envolve interpretações por vezes bastante flutuantes dando origem a corolários e por isso a recepções diferenciadas. Esta génese dos provérbios em quimbundo, muito produtiva por sinal, é

também referida por Mieder no seu trabalho sobre o livro de Cervantes, D. Quixote de La Mancha e da produtividade do episódio da justa contra os gigantes metaforizados pelos moinhos de vento (2006; 9).

O presente provérbio resulta da descodificação cuidadosa de um conto cuja hermenêutica envolve o pressuposto a toda a ocorrência do domínio da Literatura Oral que é a sua função de nível implícito e que no provérbio se revela em toda a sua dimensão pedagógica. A narrativa oral africana, como refere Rosário (1989; 47, 48), deixa-se recepcionar a dois níveis, ao nível explícito que activa a função lúdica e ao nível implícito que activa a função sapiencial.

O conto só é conto porque congraça em sua comunicação com uma interacção que parte do princípio que ela só se realiza porque as partes implicam-se num princípio de cooperação que contém as quatro máximas conversacionais que corporizam a clareza, a precisão, a relevância e a oportunidade. É o reconhecimento deste princípio cooperativo que permite definir a semiosfera onde se descodifica a diegese.

A literatura oral vive da força da palavra. A palavra é o instrumento da acção e da verdade. Sem a palavra nada existe. Para o africano tradicionalista, tributário da cultura oral, o homem compromete-se com a fala, com a pa-

lavra, pois dela se gera a acção. Ninguém é mestre de um determinado ofício, que o destaca na comunidade, sem que tenha sido iniciado nesse particular pois não é o próprio que se atribui a si mesmo as competências desse ofício, só um percurso de aquisição de saberes reconhecido pelos outros sanciona esse conhecimento.

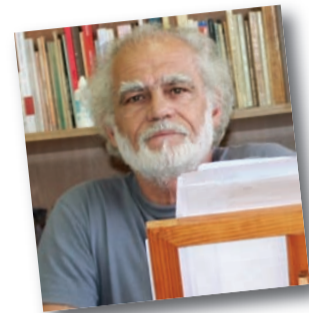
“Podem ser Mestres iniciados (e iniciadores) de um ramo tradicional específico (iniciações do ferreiro, do tecelão, do caçador, do pescador, etc.) ou possuir o conhecimento total da tradição em todos os seus aspectos.” (BÂ; 2010, 174)

A literatura oral tradicional forja-se nesse princípio genético que tem a palavra por força criadora donde o universo convocado é um universo utópico, no sentido positivo ou no sentido negativo.

No presente conto são dois “espertos” e não dois caçadores, que vão à caça dos ratos.

O caçador é um actante que, na semiosfera do universo presentificado pela Literatura Oral, é o mimetema que transporta consigo a ideia daquele que domina as habilidades necessárias para superar as estratégias de sobrevivência que a caça exercita para superar os seus predadores, isto é, está longe de ser o comum dos mortais.

Dominar as habilidades que o tornam caçador diferenciam-no dos ou-



PEDRO ÂNGELO 1

tros parceiros do seu mundo porque essas habilidades só as pode ter recebido por acto iniciatório que normalmente contemplam uma das três vias: ou por espontaneidade, ou por transmissão de alma, ou por inspiração dos guias tutelares.

Por espontaneidade as habilidades aprendem-se por mimetismo convivendo com um caçador como seu ajudante. Por transmissão de alma as habilidades vêm por revelação em sonho quando algum seu parente foi também caçador. Por inspiração dos guias tutelares as habilidades são também recebidas em sonho mas neste caso em processo de possessão por transferência da alma de um caçador que faleceu há pouco tempo e que escolhe o destinatário das suas habilidades.

Já os “espertos” são actantes que não possuem essas habilidades mas assumem-se como capacitados. Essa assunção dá-lhes a marca de “espertos” porque se mostram como sabedores sem terem aprendido. É esta a primeira marca que se cola ao termo “esperto” e provoca a situação cujo desenlace só pode ser um: atrevem-se (porque a ignorância é atrevida) a ir à caça sem conhecer as habilidades do caçador.

Os “espertos” continuam a ser “espertos” e por isso, armados com a armadilha para caçar ratos, o luhinda, quando chegam ao local próprio para caçar só se podem portar como “espertos” e colocam a armadilha no chão e esperam.

Como “espertos” que são também desconhecem o que dizem os mais velhos: Kwaku mutu-ku; sata katolo [CABICA, Higino: prov.] cuja tradução literal é: A mão tem de ajudar, a malha da rede de pesca nunca é pequena! E esperam que a armadilha sozinha resolva o problema.

Como “espertos” que são esperam, ainda e mais uma vez, que o outro entre pelo mato adentro para fazer o trabalho duro de bater no capim (kuxikata) para encaminhar os ratos para a armadilha.

Não podem ter outro comportamento ou deixariam de ser “espertos”. “Esperto” é quem espera que o outro faça o trabalho duro, é quem se aproveita do



Armadilha para ratos, luhinda

trabalho do outro, sem esforço.

Só pode pois haver um desenlace: voltam para casa sem terem caçado ratos.

Esperto com esperto não caça ratos. Assim falam os mais velhos.

O CONTO

“Esperto” com “esperto” não caçar ratos
Ndimu lo ndimu kajipi jiphuku.

Contam os mais velhos que numa aldeia (mbala) viviam dois “espertos” que decidiram ir à caça de ratos (jiphuku).

Procuraram uma armadilha de caçar ratos (luhinda) e combinaram ir à caça. No dia seguinte saíram cedo para o campo e, depois de estarem fora da vista da aldeia (único critério que entenderam ser necessário para haver ratos do campo) pousaram a armadilha no chão e esperaram. Dissimularam a armadilha no meio da vegetação rasteira e sentaram-se à sombra de baixo de uma árvore (mulungwa).

De tempos a tempos espreitavam para ver se algum rato já tinha caído na armadilha. Ora um ora outro.

Nada acontecia. A armadilha continuava vazia, tal como a tinham colocado.

O tempo passava e cada um, dissimuladamente, esperava que o outro fizesse alguma coisa para alterar o cenário.

Cansados de esperar e sem que nenhum mostrasse sinais de ir bater o mato para levantar a caça, regressaram à aldeia de mãos vazias.

PROVÉRBIOS CORRELATOS

O termo “esperto”, aquele que se pretende como sabedor e que já sabe tudo, surge como mimetema na LOT ambundo para contrastar comportamentos ditos tolos.

Numa rápida incursão pelo adagiário ambundo repescámos os seguintes que podemos considerar como corolários do conceito atrás exposto.

Muitos mais poderemos encon-

trar pois a Literatura Popular Tradicional é fértil em criar figuras tipo que sirvam como forma de moçar costumes.

90. Wadimuka, adya lumoxi; kad-sukule, adya ni nvindu.

Quem é esperto come uma vez, quem não se lava, com a sujidade come.

O patife só engana uma vez.

140. Wadimuka, watoba; watoba, wadimuka.

O esperto é tolo, e o tolo é esperto.

Ninguém é sempre tolo e sempre esperto.

323 Wejya, watoba.

Quem sabe é tolo.

O pretensioso é ridículo

513. Wadimuka udy lumoxi, kadye luiyadi.

O esperto come uma só vez, não come duas vezes.

A sobriedade evita muitos males; quem nos engana uma vez, já não consegue enganar-nos uma segunda.

514. Wadimukina kimbanda, kukukwala mu usuku.

Quem se mostrou mais esperto do que o curandeiro, a doença apanha-o de noite [não será mais socorrido por ele].

Refere-se ao que aconteceu a um homem que, tratado e curado por um kimbanda², não lhe deu a recompensa. Primeira interpretação: a doença ou a morte apanham-nos quando e onde não contamos. Segunda interpretação: não abuses de quem te ajudou e de quem poderás precisar ainda.

¹- Professor investigador da UniPiaget de Angola, pedro.janja@gmail.com.

²- Médico tradicional.

ISABUJA KAKALUNGA

PROVÉRBIOS DE KAKALUNGA



MÁRIO PEREIRA

1.- Zongolola kuzola kwe, nda kudibanze mu hadya. 1.- Volta a medir o teu amor, para que não te arrependas no futuro. **2.- Sumbulula kudyelela kwe kwoso, nda kakutolese.** 2.- Readquire a tua esperança, para que não te humilhem. **3.- Sumbulula kitadi wakisobesa nda kakulundumune mu wadyama.** 3.- Readquire o teu dinheiro que emprestaste, para que não te despejem na desgraça. **4.- Kutate mbe umona muthu wandala kukusombola.** 4.- Não reage se vires alguém que te quer insultar. **5.- Xindikala kyoso ki umona kuma wala ni kitadi kyavulu, nda kudibale mu upulungu.** 5.- Tem juízo quando vires que tens muito dinheiro, para que não caias na pobreza. **6.- Kuxindika kota. Kukamba kuxindika, ndenge.** 6.- É preferível ter juízo do que não tê-lo. **7.- Kufuluka kala dilaji, nda kakuluka mufuluka.** 7.- Não se enfureça como um louco, para que não te apelidem furioso. **8.- Kuvudise kufuluka kwa ngongo, nda ukale ni kulayela kwa Nzambi.** 8.- Não exagere na irritação do mundo, para que tenha um divino viver. **9.- Kusakalale kyenyeke kala kitembu kyolenga dikanga ni ulengelu wa dikota.** 9.- Não se apresse dessa maneira como o vento a fugir para longe a alta velocidade. **10.- Kulenge kubusa kwa mulenge, mbata ubuxilu wenyu pe, ubuxilu wa ufolo.** 10.- Não fuja do sopro do vento, porque é um sopro de liberdade. **11.- Kuzembe ufolo wa musenge, mbata ufolo wenyu pe wezala uzembu ku muxima.** 11.- Não odeia a liberdade de quem se aparta, pois essa liberdade tem a alma repleta de ódio. **12.- Kuzole muzembe wa ufolo, nda kakuzembe.** Não ames quem odeia a

liberdade, para que não te odeiem. **13.- Wiluka ni mukambe wa uxilu, mbata mwenyo udiswama kwene kwala matangelu ma ufolo.** 13.- Tenha cuidado com quem falta ao respeito, porque ele se esconde onde há palavras de liberdade. **14.- Kulenge kukala mwazanga mu Luwanda benyaba, mukonda kwene kwala Kyanda kukukingila eye.** 14.- Não fujas de estar na ilha de Luanda, pois é lá que a divindade das águas te espera. **15.- Kuzembe ufolo wa ngene, nda kakukambe ufolo wa kukala mwalinga.** 15.- Não odeia a liberdade alheia, para que não te falte a liberdade de estares na eternidade. **16.- Ufolo ki kyene kimoxi ni ukambelu wa uxilu.** 16.- A liberdade não é a mesma coisa que a falta de respeito. **Ojipangu ni ufolo jipange.** 17.- A virtude e a liberdade são irmãs. **18.- Kukale ni heleya nguma, nda mudisoke mu undanda wenu.** 18.- Não tenha medo inimigo, para que vos equipareis na audácia. **19.- Woso utena kulawula, utena kusanga kuzediwa kwe mu ngongo iyi**

mu twala. 19.- Quem pode ter netos pode encontrar a sua felicidade neste mundo em que estamos. **20.- Mukwatele henda mwenyo wala ni nzala.** 20.- Tenha piedade desta pessoa faminta. **21.- Mukwatele henda mwenyo wakambe kuswila ukalakalu wewoso.** 21.- Tenha piedade de quem não consegue valorizar todo o seu trabalho. **22.- Kuzole kizembu kya kadya pemba, nda ubokone kyambote mwalinga kwenyoko, kwene kwalo kuingila we kya.** 22.- Não ama o ódio do demónio, para que entres bem na eternidade onde já te esperam. **23.- Okuswila kwa ngongo awusanga mu kilunji kya athu.** 23.- O valor do mundo encontra-se na consciência das pessoas. **24.- Disa dixisa dixisa dyaxidisa, dixila we hanji uxilu waxidi mu dixita.** 24.- O milho que deixa uma esteira suja, também deixa o respeito sujo na lixeira. **25.- Owuswilu wiza anga uya dingi.** (o valor de uma coisa não é constante). **26.- Owuswilu wa kima kyoso kyoso uzediwisa anga uxiximisa woso wala ne ku mban-**

ji ye. 26.- O valor de uma coisa qualquer trás felicidade e desgraça para quem está a seu lado. (o rico sorri e o pobre chora). **27.- Kumesene kota kimbamba kyakambe kuswila.** 27.- Não tenha preferência por coisas sem valor. **28.- Swila ima yoso yadifangana ni kima kyakambe kuswila.** 28.- Valoriza tudo que se parece com algo sem valor. (as aparências iludem). **29.- Kota ngimuzukama kindala nda ngiye kumwambela kwiza benyaba.** 29.- Prefiro aproximar-me dele agora para que eu vá dizer-lhe que venha aqui. **30.- Okuwabela kwami okukumona wazediwa.** 30.- O meu agrado é ver-te feliz. **31.- Kusanguluka kwa muthu awusanga mu jimwemwe je joso.** 31.- O prazer de uma pessoa é encontrado em todos seus sorrisos. **32.- Kumwemwe kala dilaji, nda kakutange kuma wasaluka.** 32.- Não sorria como um louco para que não façam queixa de ti dizendo que estás maluco. **33.- Kudijenge kuma eye ngo wejya kwendela dikanga.** 33.- Não se orgulhe de que só você consegue caminhar longe. (é preciso confiar na capacidade dos outros). **34.- Ojipangu ja muthu jilendesa muxima wa muthu udila.** 34.- As virtudes de uma pessoa fortalecem a alma de quem chora. **35.- Kyangiwabela kumumona kungizukama ni kibandu kye kyezala disa ku mutwe.** 35.- Deu-me prazer vê-lo aproximar-se de mim com o seu balaio repleto de milho sobre a cabeça.



Quissange com caixa de ressonância

ESCREVER A HISTÓRIA DO FUTURO

Os termos “infância” e “criança” são termos enganadores. A palavra “infantil” é mesmo utilizada como um adjetivo desclassificativo. Quando alguém age com emoção, com imaginação ou com verdade, dizem-lhe que está a ser infantil. Como se isso fosse mau.

Por consequência, o género literatura infanto-juvenil é muitas vezes tratado com ligeireza e condescendência. “Escrever para crianças é fácil”, oiço dizer com frequência. Daí o terreno se encontrar pejado de histórias simplistas, desprovidas de mensagem, com um palavreado apatetado, cheio de onomatopeias... Quem assim fala e quem assim escreve revela entender muito pouco de literatura, e nada de crianças. Mas, tais histórias, não são inocentes, servem um propósito educacional.

Quando se trata de crianças nada é inofensivo ou inócuo. Seja aquilo que for, visual, falado ou escrito, tem sempre um impacto na formação da personalidade delas: ou confere conhecimento, ou desenvolve habilidades, ou inocula valores, ou promove atitudes. Ou sedimenta sentimentos e emoções. Na verdade, faz tudo isso. Esse impacto pode ser positivo ou negativo, pode construir ou destruir, pode manietar ou libertar. Mas tem-no sempre. Ou seja, falar de crianças é sempre falar de educação.

E a educação é algo que tem objectivos claramente delineados: preparar novos cidadãos, ou seja, ensiná-los a comportarem-se na natureza e na sociedade. A soberania de um país não está na qualidade do seu exército, está na qualidade da educação que presta às suas crianças.

E sendo a infância a arena por excelência da disputa entre os valores do civismo e os do egoísmo, a literatura infanto-juvenil é sempre um instrumento de educação. Ou deverei dizer uma arma?

Dependendo do tipo de cidadão que se pretenda criar, há várias maneiras de educar as crianças e, por consequência, de escrever para elas: pela ilusão, característica dos contos de fadas, para cultivar nelas a passividade e apatia; pelo medo, típico das histórias de terror, para incutir nelas a obediência e a subserviência à moral instalada; ou pela escolha, típica das histórias de aventuras e de amor, para estimular nelas a reflexão ética e o activismo social. Escrever para crianças é, pois, esculpir as páginas do futuro.

As crianças são seres complexos, que não devem ser tratadas com complacência nem condescendência. Elas são seres inteligentes, com vontade própria, com iniciativa e capazes de agir. E também de perceber as limitações e as manipulações dos adultos... Não se pode tratá-las, por isso, como seres ineptos e incapazes. Esqueceram-se, não é? De que vocês foram crianças! Agora são adultos, gente ma-

dura, não é? Gente manietada e exaurida da liberdade de sentir, imaginar, criar e se emocionar e pensar. Pois, ao contrário de nós, as crianças possuem ainda toda a plenitude das suas capacidades, ainda não atrofiadas pelos preconceitos, medos e raivas que o processo educativo incutiu em nós. Muitas vezes, por via das histórias infanto-juvenis escritas por essas tais pessoas, que lemos ou que nos foram contadas.

Uma história infantil é, por essa razão, das obras mais complexas de realizar – à medida do grau de complexidade do seu destinatário. Escrever para as crianças não é, pois, pegar em papel e caneta e desatar a aplicar vocabulário, regras gramaticais e técnicas de escrita. É preciso ter a capacidade rara de falar com as crianças na linguagem delas, que só é possível em quem mantém a capacidade de ver o mundo da maneira como elas olham para ele: sem fronteiras. São capacidades que geralmente atrofiamos com a idade. Porque queremos deixar de ser crianças e queremos que passem a considerar-nos maduros.

O que deve ter uma história infantil, então? Tudo o que tem de ter uma boa história para adultos: enredo, mistério e emoção. Mas a um nível de qualidade muito mais elaborado.

Diferentemente de uma história para adultos, que geralmente tem um propósito eminentemente lúdico, a literatura infanto-juvenil desempenha toda uma série de outras funções em simultâneo: ensiná-las a ler e a pensar

e ensiná-las a ser e a estar. Pode é fazê-lo para o bem, ou para o mal.

Um livro infantil tem, por isso, de ser sempre didático, visto que ao mesmo tempo que está a entreter, está a ensinar a ler (o que exige rigor linguístico, e também o emprego de um vocabulário rico e diversificado), estando simultaneamente a contribuir para lhes modelar a personalidade – transmitir valores éticos, promover atitudes cívicas.

As crianças são curiosas, têm uma sede de aprender insaciável. Por isso, um livro para elas tem que ser capaz de lhes mostrar coisas novas, que lhes deem o que pensar. E tem de conseguir fazer isso de forma lúdica, divertida. Tem de ter fantasia para estimular-lhes a imaginação e alimentar-lhes a criatividade.

Uma história interessante tem de conter problemas e de lhes oferecer respostas, e situações de causa-efeito para as estimular a reflectir e as ensinar a compreender – em vez de as procurar condicionar a apenas aceitar e obedecer. Não há, pois, que ditar às crianças o que elas devem fazer, nem dar-lhes lições de moral, mas, antes, há que dar-lhes caminhos a escolher, caminhos para se encontrarem consigo mesmas e para enfrentarem e combaterem os monstros que permanentemente lhes saltam ao caminho com a firme intenção de impedir a libertação do que de melhor há dentro de cada um de nós.

A pergunta que não quer calar é: “Como é possível escrever coisa tão



CARLOS DOS SANTOS

complexa e profunda para crianças? Isso está para além do entendimento delas!” Nada mais falso. O que é verdade é que não é para qualquer um a capacidade de o fazer.

É importante ter em mente que as histórias ditas “para crianças” não são para serem lidas pelas crianças. Na verdade nem sequer são para serem lidas. Elas são para serem encenadas, com expressões, gestos e vozes variadas, e em conjunto, por pais e filhos, avós e netos, adultos e crianças. Uma história infantil não é um livro, é um palco.

E se fazê-lo permite aos adultos explicarem palavras novas às crianças, permite também às crianças ressuscitarem nos adultos o encantamento, neles amordaçado, de olhar para o mundo com plena liberdade e sentir-se em paz. Com a natureza e com a sociedade. E consigo mesmos.

(Adaptação do texto de apresentação do livro “A Viagem de Luna”, de Teresa Noronha)



Crianças de Moçambique, foto UN

GOZ'AQUI REALIZA FESTIVAL DE HUMOR

Em alusão ao 4º aniversário, o GOZ'AQUI realizou, no passado dia 21, o primeiro FESTIVAL NACIONAL DE HUMOR.

Com a duração de 2 horas aproximadamente, estiveram em palco, no Camões, Centro Cultural Português, cerca de 13 humoristas nacionais que abrihantaram a noite com as suas apresentações, cada uma, com cerca de 7 minutos aproximadamente. O público aderiu em massa e o feedback foi bastante positivo.

Pontuais no horário, o Camões/Centro Cultural Português foi o local escolhido e perfeito para tantos momentos de perfeita alegria e descontração.

No palco, actuaram nomes como: Maestro, Zuela Kikuata, Helder Gonçalo, Andelson Silva, Orlando Capata, Dange, Os Magma, Arroz Doce, Dupla K.K, Wazemba, Ya Papy, Ladilson e Richa.

Houve tempo para prestigiar carreiras de sucesso e de referência no sector, enaltecendo o contributo que grandes nomes da comédia nacional, tais como: Ngangeta (Beto Gourgel), Dionio Rocha, Salú Gonçalves, Sidónio e Lembinha (Luís Kifas e Josefina Santos), Pedro Nzagi, Os Tuneza, Calado Show e finalmente Sérgio Piçarra, pelo seu extraordinário trabalho enquanto cartoonista.

GOZ'AQUI

Com 4 anos de existência e já com uma nomeação e vencedor dos Prémios Zap-News como "Humorista do Ano" 2015, o GOZ'AQUI é actualmente a principal plataforma de promoção de humoristas nacionais no ramo do entretenimento ao vivo, audiovisual e multimédia. Está presente, todas as segundas, no YOUTUBE com o NETiciário Satírico: SOPA SABER



Humoristas presentes no festival

PINTURA DE FERNANDO NUNES NO CAMÕES ATÉ DIA 11

NOS CAMINHOS DA CONSOLIDAÇÃO DA PAZ

Fernando Nunes volta à pincelada com "Nos Caminhos da Consolidação da Paz", patente no Instituto Cultural Português - Camões até 11 de Janeiro. "É a primeira exposição individual de Fernandes Nunes no país em paz. Porque a arte e a vida seguem lado a lado, as novas propostas vão, inevitavelmente, revelar a evolução do artista. Trinta obras inéditas, resultado de um prolongado trabalho de investigação, que exaltam a paz, como conquista maior de um povo. Nessa evolução artística é perceptí-

vel uma linha de continuidade, que deixa reconhecível o seu traço identitário. Um olhar contemporâneo sobre a cultura ancestral, os seus mitos, as suas lendas e suas histórias. A natureza revisitada, através do embondeiro, árvore sagrada e mítica. A Welwichia Mirabilis, no esplendor da sua singularidade. A mulher, na multiplicidade das suas faces, como seu tema de eleição", é assim feita, em síntese, apresentação da obra por Teresa Mateus, directora do Camões, no dia da abertura da exposição, 19 de Dezem-

bro de 2016. Noutro ponto, Teresa destaca que Fernando "Sempre se assumiu como artista do seu tempo, comprometido com a sociedade em que se insere, reconhecendo e defendendo a importância da arte, como factor de inclusão social, de transformação e de desenvolvimento", acrescentado ainda que "Como artista sócio-interventivo, entende o seu trabalho, não numa mera dimensão estético-contemplativa, mas como factor de mudança de paradigmas na sociedade".

Diz ainda a directora que esta exposição pode ser vista como "um regresso a casa". Explica: "O Camões foi o local onde Fernando Nunes nasceu para o público, como artista. Apresentou as suas duas exposições individuais, num percurso de mais de vinte anos. A primeira, em 1999, "Swswwmka" (Despertar). A segunda, em 2001, "A Arte no Espaço e no Tempo". Depois, foi uma inesperada e prolongada ausência. Ao longo dos últimos 15 anos, essa pausa apenas foi interrompida participação em exposições colectivas, que lhe permitiram conquistar o Prémio Cidade de Luanda, de 2004, e o Prémio Sonangol, de 2006".

Num olhar introspectivo da sua obra, o artista refere: "Com esta exposição apresento algumas propostas de rotura de paradigmas de produção e de montagem de exposição, um dos meios de promoção pública quer do artista, quer das obras de arte, e que julgo deve merecer um tratamento inovador".

FERNANDO NUNES nasceu na província do Uíge, em 1968. Licenciado em Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda (ISCED), Luanda (2010). Possui formação média em Escultura, realizada na Escola de Artes Plásticas do Instituto Médio de Formação Artística e Cultural (INFAC), Luanda (1997). Actualmente é gestor da colecção EnsArte.

Com participação em mais de 20 exposições colectivas, já por duas vezes apresentou trabalhos individuais, constam no seu percurso artístico: 2001 apresenta "Arte no Espaço e no Tempo", Centro Cultural Português; local onde volta a apresentar em 1999 "Swswwmka". Prémios: em 2006 foi Prémio Sonangol; em 2004 foi Prémio Cidade de Luanda, em 2001 foi Menção Honrosa no Concurso da De Beers, em 2004 foi Menção Honrosa em Escultura no Prémio Cidade de Luanda, em 1998 foi segundo classificado no Prémio EnsArte, em 1999 foi Menção Honrosa Prémio Cidade de Luanda, em 1996 foi Menção Honrosa no Prémio EnsArte.



TONS E REFLEXÕES DE PATRÍCIO MAWETE

MATADI MAKOLA

Passados mais de dois anos desde a última exposição, Patrício Mawete inaugurou no passado dia 15, na Galeria Tamar Golan, a mais recente exposição que intitulou Tons e Reflexões. O seu traço artístico volta a estar inclinado a temas que vem trabalhando, sempre tendo como base o paralelismo entre a cor (tons) e o pensamento (reflexões), a incidir sobre a vida do mundo infantil. Mawete traz obras de fácil leitura, dando à estampa as questões que procura levar à discussão. É uma arte temática e recorrente.

“As ilustrações da minha tela sempre têm inclinação para o mundo da criança. Penso que a aproximação às crianças através da formação que dirijo no domínio das artes tem me ajudado e definido a minha temática nestes últimos anos. Tem sido um tema apelante, fazer e usar a arte como meio de debate das variadas problemáticas que vivem as crianças”, refere o artista.

Contudo, nos quadros é-nos apresentado uma linguagem homem-criança. O lado estético e cromático foi fundido com o diálogo e as cores escolhidas reflectem o mundo da criança. Há um certo psicologismo funcional,



Artista Mawete

para aboratar problemas vários, como o alcoolismo, e reiterar a educação infantil como primeiro bem.

Na composição pictórica, não se que acentuadamente um artista ou uma linguagem exacta, mas, conforme nos fez entender, o seu trabalho tem grandes influências da estruturação filosófica de Etona, no que toca à linguagem e filosofia de arte.

Nos dias que correm criou uma escola de arte no bairro Palanca, mas ainda não conseguiu conquistar as crianças a frequentarem cursos de arte. Antes, tinha iniciado esta empreita-



Obra *Sonhadores do Futuro*

da nos arredores do Nova Vida e onde teve melhor sucesso, dando iniciação à pintura, cerâmica, desenho e escultura. Mas a arte ainda não é facilmente assimilada: “Para as famílias menos entendidas o assunto é ainda mais complicado, porque as crianças que estão nas oficinas de escultura e produzem algo fora do senso comum correm o risco de serem dadas como feiticeiras e as crianças da pintura como malucas”, conta Mawete, que também

afirma que é um pouco deste raciocínio que traz à exposição.

Isso se reflete bem em títulos como “Sonhadores do Futuro”, obra de grande força pictórica, em que o artista estanca as pueris e alegres brincadeiras, mas também provoca e sugere os seus sonhos. Mawete tem trabalhado para que a exposição seja rotineira nas escolas de Luanda e produza um certo debate sobre os variados temas que nela aborda.

UM TANTO SINCRÉTICO KALIBRADOS DISPONIBILIZA “DIÁRIOS DA REPÚBLICA”

MATADI MAKOLA

“Diários da República” é a mais recente obra discográfica do grupo rapper Kalibrados. Disponibilizada gratuitamente através de plataformas digitais a partir de 24 de Dezembro passado, o disco surge como uma oferenda de natal aos amantes que se mantiveram fiéis às rimas e estórias que este grupo propagou aquando do seu preponderante aparecimento.

O nome Kalibrados remete-nos ao sucesso Tem Melaço, um tema de cariz amoroso feito com todos os ingredientes característicos do rap do circuito assumidamente comercial. Embora os seus integrantes já tenham tido aparições notórias individualmente, casos de Laton e Vui Vui, Kadaff e Mister K ficam conhecidos do grande público neste tema que marca o antes e depois dos Kalibrados, quando já lá vão cerca de dez anos.

“Negócio Fechado” ainda continua a ser o ponto alto, e difícil será supera-lo, tanto em temática como em melodia, porque trazia os temas basilares do rap comercial muito bem definidos, como

se veio provar ao lançar “Cartas na Mesa”. Um novo tento surge agora ao lançar “Diários da República”, que já vinha sendo esperado devido aos sucessos das músicas Lombongo, cuja participação de Matias Damásio faz toda a diferença e muda a perspectiva sonora da música, acentuando ainda mais a sua intenção lamuriosa, e Drena.

Já se evidencia esta certa admissão de posições entre a primeira e segunda música, ainda a começar a aventura de ouvi-los, talvez para cobrir públicos com intenções e momentos musicais diferenciados, às vezes levando-nos a breves reflexões sobre o quotidiano, através das boas leituras satíricas que Vui Vui sempre soube bem fazer, mesmo sem chegar ao peso da balança under, mostrando-se assim um bom conhecedor dos limites do género que cultiva, ou a exaltação de momentos de festa e fartura próprios da sexta-feira, o dito dia do homem, e aí já Kadaff e Laton são certos nas rimas, mas também não deixam escapar para o guero zouk. Bem, continua um tanto sincrético nas temáticas e ainda preso



Capa do mais recente álbum do grupo

nas fórmulas que deram corpo a “Negócio Fechado”. Vamos lá ver que sucessos e inovações preparam, porque levanta-se a hipótese de vir fundir-se

com a Army Squad (sem D-One), e talvez assim se supere este cliché do rap comercial, visto que a Força Suprema veio trazer outra face.

ANNIE FLORE BATCHIELLILYS NO CCBA AS LÁGRIMAS DA FLOR CANTANTE

MATADI MAKOLA

De guitarra em punho, de pés descalços, vestida de pano africano que a deixavam à vontade nos movimentos, sorriso leve, olhar rasteiro e profundo, se lhe sai uma voz fina que parece vir de um coração desarmado. Canta com firmeza, e manteve a solidez desta atitude quando não conseguiu segurar as lágrimas e o canto se misturou com um choro silencioso, porque nos parecia que ao cantar por fora chorava por dentro, de coração rasgado; como se ao tocar corda a corda da guitarra atravessasse palmo a palmo do Gabão que leva no seu coração e tanto nos disse que amava, um amor desabafado palavra a palavra nas suas canções, e por isso, porque já não mais pode aguentar, chora.

O Centro Cultural Brasil-Angola acolheu, na noite do dia 16 de Dezembro de 2016, a cantora gabonesa Annie Flore Batchiellilys. Veio a convite da Fundação Eduardo dos Santos-FESA e da UNESCO, imbuída no lançamento em Angola da campanha de jovens para a cultura de paz na África Central e cujo lema é: "Palavras Diferentes, uma só Língua: A Paz".

Este nome pode ser desconhecido para o público luandense, um pouco por culpa das tendências impostas. É uma mulher artista que merece todo o respeito, e que talvez a nova vaga de cantores e compositores devesse buscar como arquétipo do seu ideal artístico. Sem saber muitas palavras em português, Annie esforçou-se em desejar aos presentes feliz natal, embora o grande presente tenha já sido a sua visita e consequente contacto directo com a sua música, até então desconhecida e muito pouco tocada nas rádios. Isso faz lembrar uma crítica que um poeta fizera num destes debates profícuos, quando disse mais ou menos assim: "Porquê nos nossos meios de comunicação a música africana tem um programa especial e as outras, maioritariamente estrangeira, parecem estar enquadradas na rotina normal das

emissões?". Se para atrair o público jovem ou não, a verdade é que somos nós, todos os africanos, os principais lesados. Esta conversa é aqui chamada porque, em condições normais, de gente que se interessa por si e sabe respeitar os seus artistas, o CCBA deveria ser pequeno para acolher Annie. Não foi bem assim: sobram lugares vazios. Aonde estava a juventude de artistas e amantes das artes na noite do dia 16? Annie teria sorriso mais, vibrado mais, dado mais, e muitos artistas teriam visto nela a oportunidade de aprender uma performance em palco repleta de sobriedade, candura e serenidade intraduzíveis, porque mesmo diante de um público canta de um modo tão imperturbável como se estivesse a sós consigo mesma.

Na oportunidade que tivemos, questionamo-la se a música que canta, sempre recheda de mensagens de paz, pode servir de instrumento eficaz na consolidação da paz e na mudança de consciência tanto da geração jovem como no seio dos mais velhos. Disse: "Nesta altura, emocionalmente não estamos bem, porque há mais canções que mostram mais a raiva do que a paz. É normal que, quando as pessoas estão numa situação difícil como a guerra, seja a raiva a primeira forma de se exprimir. É por isso que é importante fazer muito esforço e levar o homem a uma introspeção, e cantar cada vez mais forte para que a paz volte. Eu canto para o humano, e é preciso trazer isso consigo quando se fala para o outro".

Ela canta numa língua tradicional do Gabão e em francês, e brindou-nos com "Kokulou" (que em português quer dizer perdão), "Queremos a paz", em que diz que a paz é ser o outro, o outro que vive na nossa mente, livre de se explicar e viver na diversidade..., "Gabão, Meu amor", em que não evitou as lágrimas, "Je t'invite", "Beleza da Vida", musica criada propositadamente para a ocasião e que contou com a participação do angolano Jack Nkanga, deram-nos a conhecer Annie. Sobre o passar o testemunho à juventude, lembrou que foi exactamente assim como faziam com ela há mais de vinte anos. Annie e Jack criaram



Annie

um tema com insinuantes tendências a blues e funk, sendo que a sua música se agarra nestas tipologias e acrescenta-se as particularidades dos ritmos do Gabão e todo um talento que dela desponta.

Annie é tão somente melhor voz feminina do Kora Music Awards de 2002. Começou cantando em rádios e programas de televisão, até ganhar a atenção de Pierre Akendengué, que a inicia na música e mais tarde dá avanços em França. A sorte ainda lhe reservava Oliver Ngoma, que também viu nela talento e disciplina, motivos que levaram este grande senhor da música africana a custear na totalidade o primeiro cd de Annie.



VENCEDOR DO PRÉMIO JUVENTUDO NO ENSARTE 2016

SILVESTRE PANZO EXPÕE MARCAS DE CULTURA

Vinte obras de pintura em acrílico, técnica mista e óleo sobre tela estão patentes de 20 Dezembro a 11 de Janeiro de 2017, no Centro Cultural Português, em Luanda, numa exposição individual denominada Marcas de Cultura, do artista plástico Silvestre Panzo.

SOBRE A EXPOSIÇÃO

MARCAS DE CULTURA é a primeira exposição individual do jovem artista plástico angolano SILVESTRE PANZO.

O artista, com o seu traço, com a explosão das suas cores intensas, com as suas figuras humanas - particularmente a figura feminina - esbatidas e reinventadas, com os seus temas da natureza, pretende chamar a atenção para as suas raízes e influências sócio-culturais, designadamente a cultura angolana e africana.



SILVESTRE PANZO é natural de Quitexe, província do Uíge.

Exerceu funções, durante três anos, como publicitário na empresa Angola Star. Foi colaborador da Escola Ngola Tita por um período de dois anos.

FRANCIS PONGE

POETA DAS COISAS NATURAIS

“Francis Ponge é, por excelência, o poeta das coisas que exigem definições, das coisas partidas, das coisas naturais, das coisas inanimadas e animadas. Ele descreve o universo, os meteoros, a chuva, o fogo. Encanta-se com os moluscos, ostras, caracóis. Busca a todo momento dar voz às coisas silenciosas. Traz à luz o mundo mágico da natureza. No Proemas, Ponge diz que “o homem julga a natureza absurda, ou misteriosa, ou madrasta. Bem. Mas a natureza não existe a não ser pelo homem”. Ele projecta, idealiza o homem harmonizado com os quatro elementos: a terra, o fogo, a água e o ar.”

PEDRO MACIEL

(Trecho de um ensaio feito por Pedro Maciel, para o caderno "Verso & Prosa", do jornal O Globo)



OS PRAZERES DA PORTA

Os reis não tocam nas portas.

Não conhecem essa ventura: fazer avançar docemente ou com rudeza um desses grandes painéis familiares, voltar-se em sua direcção para recolocá-lo no lugar - ter nos braços uma porta.

... A ventura de empunhar no ventre pelo nó de porcelana um desses altos obstáculos de um cómodo; o corpo-a-corpo rápido pelo qual por um instante o passo se detém, o olho se abre e o corpo inteiro se acomoda ao seu novo aposento.

Com a mão amiga retém ainda, antes de empurrá-la decididamente e encerrar-se - o que o estalido da mola potente mas bem azeitada agradavelmente lhe assegura.

O PÃO

A superfície do pão é maravilhosa primeiro por causa desta impressão quase panorâmica que dá: como se tivesse ao dispor, sob a mão, os Alpes, o Taurus ou a Cordilheira dos Andes.

Assim pois uma massa amorfa enquanto arrota foi introduzida para nós no forno estelar, onde, endurecendo, se afeioou em vales, cumes, ondulações, ravinas... E todos esses planos desde então tão nitidamente articulados, essas lajes finas em que a luz aplicada deita os seus lumes, - sem um olhar sequer para a flacidez ignóbil subjacente.

Esse lasso e frio subsolo que se chama o miolo tem o seu tecido semelhante ao das esponjas: folhas ou flores são aí como irmãs siamesas solda-

das por todos os cotovelos ao mesmo tempo. Logo que o pão endurece essas flores murcham e contraem-se: destacam-se então umas das outras e a massa torna-se por isso friável.

Mas quebre-mo-la, calemo-nos: porque o pão deve ser a nossa boca menos objecto de respeito do que de refeição.

CHUVA

A chuva, no pátio em que a olho cair, desce em andamentos muito diversos. No centro, é uma fina cortina (ou rede) descontínua, uma queda implacável mas relativamente lenta de gotas provavelmente bastante leves, uma precipitação sempiterna sem vigor, uma fracção intensa do meteoro puro. A pouca distância das paredes da direita e da esquerda caem com mais ruído gotas mais pesadas, individuadas. Aqui parecem do tamanho de um grão de trigo, lá de uma ervilha, adiante quase de uma bola de gude. Sobre o rebordo, sobre o parapeito da janela a chuva corre horizontalmente ao passo que na face inferior dos mesmos obstáculos ela se suspende em balas convexas. Seguindo toda a superfície de um pequeno teto de zinco abarcado pelo olhar, ela corre em camada muito fina, ondeada por causa de correntes muito variadas devido a imperceptíveis ondulações e bossas da cobertura. Da calha contígua onde escoo com a contenção de um riacho fundo sem grande declive, cai de repente em um filete perfeitamente vertical, grosseiramente entrançado, até o solo, onde se rompe e espirra em agulhetas brilhantes.

Cada uma de suas formas tem um andamento particular; a cada uma corresponde um ruído particular. O todo vive com intensidade, como um mecanismo complicado, tão preciso quanto casual, como uma relojoaria cuja mola é o peso de uma dada massa de vapor em precipitação.

O repique no solo dos filetes verticais, o gluglu das calhas, as minúsculas batidas de gongo se multiplicam e ressoam ao mesmo tempo em um concerto sem monotonia, não sem delicadeza.

Quando a mola se distende, certas engrenagens por algum tempo continuam a funcionar, cada vez mais lentamente, depois toda a maquinaria pára.

Então, se o sol reaparece, tudo logo se desfaz, o brilhante aparelho evapora: choveu.

O FOGO

O fogo estabelece uma classificação: primeiro, todas as chamas se encaminham em uma direcção...

(Só se pode comparar a andadura do fogo à dos animais: é preciso que desocupe este lugar para ocupar aquele outro; caminha a um só tempo como ameiba e como girafa, o pescoço à frente, os pés rampantes)...

Depois, ao passo que as massas metodicamente contaminadas se aniquilam, os gases liberados vão-se transformando numa só rampa de borboletas.

O PEDAÇO DE CARNE

Cada pedaço de carne é uma espécie de fábrica, moínhos e lagares de sangue. Tubulações, altos fornos, cubas vizinhos de martelos pilões, coxins de graxa. O vapor jorra, fervente. Fogos sombrios ou claros encarnam-se.

Sarjetas a céu aberto carregam escórias e fel.

E lentamente, à noite, à morte, todas essas coisas se resfriam.

Breve, se não a ferrugem, pelo menos outras reacções químicas se produzem, liberando odores pestilenciais.

A SONHADORA MATÉRIA

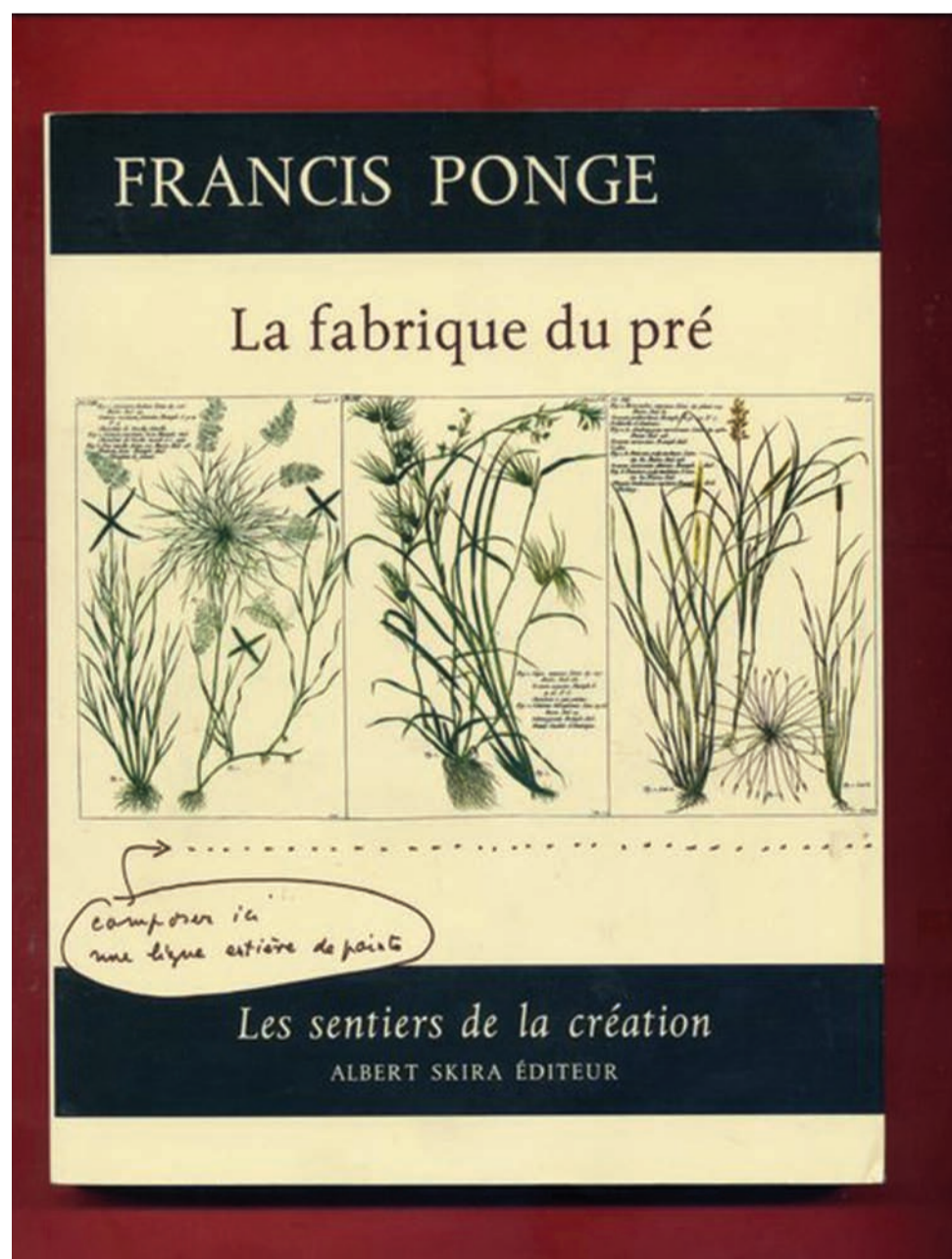
Provavelmente tudo e todos - e nós mesmos - não sejamos mais que sonhos imediatos da divina Matéria:

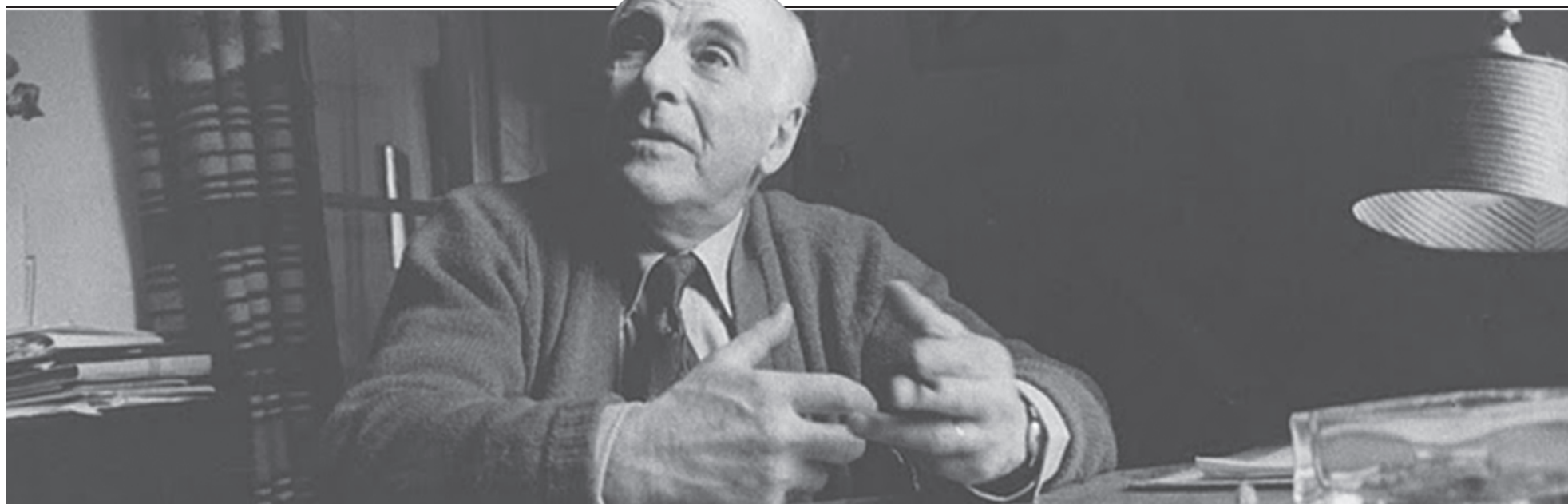
Produtos textuais de sua prodigiosa imaginação.

E assim, em certo sentido, poderíamos dizer que toda a natureza, inclusive os homens, nada mais é que uma escritura; mas certo tipo de escritura; escritura "não-significativa", já que não se refere a sistema algum de significação; já que se trata de um universo indefinido: falando claramente, "imenso", sem medidas.

Ao passo que o mundo das palavras constitui um universo finito.

No entanto, já que composto por esses objectos bastante particulares e particularmente comoventes, os sons significativos e articulados de que somos capazes, que nos servem "a um só





tempo" para nomear os objectos da natureza e exprimir nossos sentimentos,

Sem dúvida basta "nomear" não importa o quê - de um determinado modo - para exprimir tudo do homem e, ao mesmo tempo, glorificar a matéria, exemplo para a escritura e providência do espírito.

Francis Ponge nasceu no dia 27 de Março de 1899, em Montpellier, França. Aos sete anos é iniciado precocemente na música aprendendo a tocar Schumann, entre outros autores clássicos.

Estudou Direito e Filosofia na Sorbonne não obtendo aprovação na Licenciatura em Filosofia por não conseguir falar no exame oral. Em 1922 se une a Nouvelle Revue Française e aproxima-se dos surrealistas com os quais compartilhava convicções políticas, mas, abandona-os em seguida por não concordar com suas manifestações e frequentes discussões. Em 1936 torna-se líder sindical dos funcionários da Messageries Hachette e no ano seguinte filia-se ao Partido Comunista Francês e é demitido pela Hachette passando a trabalhar em companhias

de seguros. Reconhecido mundialmente por sua obra Le Parti Pris des Choses (1942, geralmente vertida em português como 'O Partido das Coisas'), em que refuta a efusão lírica e a subjectividade descrevendo os objectos quotidianos em uma linguagem aparentemente objectiva e científica. Ponge explora a realidade da língua, que, em sua opinião, dignifica e humaniza todo o ser humano. Em suas descrições um pouco humorísticas, emprega neologismos criados a partir da etimologia das palavras. Esta apreensão do mundo através

de vertiginosa profundidade da linguagem foi baptizada com o nome de 'objeu' e combina as actividades criativas e críticas do escritor.

Francis Ponge morre no dia 6 de Agosto de 1988 em Bar-sur-Loup. No dia 20 de Setembro é inaugurada a praça Francis-Ponge em Montpellier e no dia 2 de Fevereiro do ano seguinte é emitida pelos Correios da França, a série "Poetas franceses do século XX" (Paul Éluard, André Breton, Louis Aragon, Jacques Prévert, René Char), com um selo contendo a efigie de Francis Ponge.

FILME: OBRA E PRODUTO

Os filmes classificam-se em obras e produtos, conforme sua concepção, elaboração e finalidade, em que os dois primeiros elementos subordinam-se ao último.

Se a finalidade é comercial tem-se produto, que se destina apenas a facturar e gerar lucro. Nesse caso, é adrede planejado para atingir as mais largas camadas do público, pressupondo pesquisa, estudo e conhecimentos mercadológicos, sem os quais o empreendimento sujeita-se ao fracasso.

À semelhança dos demais artefactos desovados pela indústria, os filmes dessa espécie procuram atender necessidade específica. No caso, de diversão, passatempo e particularidades e exigências emocionais e psicológicas.

Em decorrência de sondagem de mercado, a indústria científica - e das características do público, seus gostos, inclinações, limitações, idiosincrasias e tendências, procurando, com maior ou menor competência, fornecer-lhe o produto desejado.

Para isso, estabelece as médias estatísticas necessárias e o consequente e adequado formulário de ingredientes e insumos, constantemente checado, reciclado e renovado para acompanhar pari-passu as alterações de humor e interesses dos espectadores, que, por sua vez, também se deixam influenciar por essa produção, submetendo-se a ela de bom grado, passiva e acarneiramente.

Assim, pululam, na técnica, os efeitos especiais; na temática, violência, sexo e particularidades ficcionais; na

linguagem cinematográfica, o convencionalismo, a linearidade ou superficialidade e toda linhagem de macetes pré-estabelecidos em consonância com as indicações obtidas.

Nessa conjuntura, o director e a equipe não ultrapassam o nível técnico-profissional, no qual se dirige filme como se guia veículo ou se pilota avião. Nada, pois, de pessoal, próprio, criativo, apenas restrito ao conhecimento indispensável à utilização e funcionamento da parafernália técnica respectiva.

*

Quando o propósito é artístico e cultural, ocorre total inversão das e nas disposições e posições acima relacionadas, conquanto também seja imprescindível conhecer e dominar os meios técnicos necessários à filmagem.

O filme, nessa hipótese, perfaz não mero objecto descartável, mas, obra autoral, aliando inventividade ou pelo menos perícia formal e substância temática, que, por força de série de circunstâncias, pode até não configurar arte ou pelo menos não atingir seus maiores patamares, por dependentes de aptidão, talento, esforço, informação e consciência artística, além de persistente e exaustiva elaboração.

Nesse caso, a temática e seu conteúdo não visam agradar ao público, mas, ao contrário, externar estética e criticamente visão pessoal do mundo, pressupondo criatividade e elaboração formal, análise e questionamento dos fundamentos e organização da sociedade e do comportamento colecti-

vo e individual dos seres humanos. O produto procura manipular o sentimento e a emoção. A obra destina-se à inteligência e à sensibilidade.

(do livro inédito Ficção e Cinema)

Guido Bilharinho é advogado actuante em Uberaba/Brasil, editor da revista internacional de poesia Dimensão de 1980 a 2000 e autor de livros de Literatura (poesia, ficção e crítica literária), Cinema (história e crítica), História (do Brasil e regional).



GUIDO BILHARINHO



SEXO: UM É BOM. DOIS É DEMAIS?

O fato é que tanto a mulher quanto o homem são livres para seguir o seu rumo, vai da consciência de cada um, a única condição é que devemos estar preparados para as consequências das nossas escolhas. Essa coisa de “ela é safada”, “ele é garanhão”, não deve ser levada em consideração, pois, está embasada em julgamentos discriminatórios, ou seja, são ponderações sem fundamento, servem, somente, para impor um peso aonde não deve existir, acabam intimidando uma camada – que deseja ser independente e feliz – privando-a de ser dona do seu próprio nariz.

Outro dia vi na internet umas esquisitices sobre sexo. Alguns países têm leis bem estranhas relacionadas a esse assunto. Dizem por aí que no Bahrain um médico pode legalmente examinar a genitália feminina, mas, ele é proibido de olhar directamente para ela durante o exame, ele pode apenas olhar através de um espelho. Em Hong Kong, talvez, em alguma época, não sei, uma mulher traída podia legalmente matar seu marido adúltero, mas, devia fazê-lo apenas com suas mãos. Em contrapartida, a mulher adúltera podia ser morta de qualquer outra maneira pelo marido.

No Brasil, a mulher que faz sexo com vários parceiros é considerada uma Gallus gallus domesticus, mais conhecida como galinha, já o homem que pratica relação sexual com diversas mulheres é tido como garanhão. A única semelhança aí é a primeira sílaba, pois, como sabemos, o conceito de cada uma dessas qualidades – vamos dizer assim – é bem distinto. Felizmente, isso não está na nossa legislação – ou está? É certo que consta nas “leis” criadas pela massa, advindas de pensamentos generalizados de uma sociedade machista.

Bem, o ginecologista no Bahrain não pode olhar directamente para a genitália feminina, porém, nós, mulheres brasileiras, podemos olhar para a genitália masculina directa e indirectamente, ou por WhatsApp, ou Snapchat, etc., inclusive, de qualquer sujeito que escolhermos. A questão é que somos taxadas por essa iniciativa. Mas, será que isso realmente importa? Consideremos o caso surreal de Hong Kong: a mulher traída pode matar o marido, porém, usando apenas as mãos. Imagina uma chinesinha miúda, com seu corpinho frágil, tentando matar uma pessoa usando só a sua força ou seu Kung Fu? Já, o marido, pelo o que eu entendi, pode usar uma serra-eléctrica, uma faca, um taco de beisebol, uma arma de fogo, qualquer coisa que ele queira para dar fim à vida de sua linda esposa adúltera. É isso mesmo?

Voltando ao nosso contexto, a realidade nos mostra que o homem é dispensado de ser julgado pelo seu comportamento sexual, entretanto, a mulher é constantemente avaliada e tudo o que ela fizer em termos sexuais vai ser analisado e, muito provavelmente, ela não vai gostar dos resultados dessa análise. É assim, a nossa sociedade idealiza regras, denominações e conceitos próprios que acabam criando barreiras. Ora, se uma mulher quer ter vários parceiros que tenha. Por que eu devo apontar o dedo para ela dando-lhe um título pejorativo? Ah! Porque eu aprendi na igreja que não devemos sair por aí praticando sexo com todo mundo. Quem não deve fazer isso? O homem? A mulher? Segundo as regras religiosas as quais eu cresci ouvindo, ambos não devem sair por aí sassariando. Entretanto, não é bem assim que funciona. O macho não leva nenhuma punição quando “pega” várias gurias, ele é encarado como algo do tipo “esse é o cara”, enquanto que a mulher vira uma pecadora se se relaciona com parceiros variados.

O fato é que tanto a mulher quanto o homem são livres para seguir o seu rumo, vai da consciência de cada um, a única condição é que devemos estar preparados para as consequências das nossas escolhas. Essa coisa de “ela é safada”, “ele é garanhão”, não deve ser levada em consideração, pois, está embasada em julgamentos discriminatórios, ou seja, são ponderações sem fundamento, servem, somente, para impor um peso aonde não deve existir, acabam intimidando uma camada – que deseja ser independente e feliz – privando-a

de ser dona do seu próprio nariz. Como todos nós sabemos, existe uma coisa chamada livre-arbítrio. O livre-arbítrio é pregado nas igrejas, até com certa frequência, e eu considero um tema de extrema importância, mas, as religiões fazem mal-uso desse assunto. Para a maioria dos religiosos o livre-arbítrio é aquele que está pautado em seus próprios conceitos, ou seja, onde fica a liberdade de escolha? Obviamente se eu tenho que seguir considerações de determinado culto estou presa a algo que talvez não faça parte daquilo que eu realmente queira para minha vida, nem preciso dizer que o livre-arbítrio aí foi pra cucuia. O que as pessoas precisam entender, é que o julgamento Divino está nas mãos de ninguém mais do que o próprio Divino. Aliás, que eu saiba, foi Ele quem sancionou o livre-arbítrio. E eu tenho certeza de que Ele não sai por aí xingando as pessoas por causa do seu comportamento, pelo contrário, o que é pregado nesse mundão de Deus, é que Deus é Amor. Não é isso?

Pra dizer a verdade, eu tenho a impressão de que quem fica nomeando as pessoas pelas suas atitudes é porque, no fundo, tem alguma pendência consigo mesmo, então, aponta o dedo para outro para camuflar seus próprios perrengues. Por isso, não vale à pena se sentir ofendido. O que devemos fazer é seguir o nosso caminho, é ser a gente mesmo. Cada um faz o que quer da vida. Cada pessoa arca com as consequências do caminho que escolheu. Se o outro elegeu se relacionar sexualmente com várias pessoas, é isso aí. Sejamos francos, o que eu tenho com isso? Portanto, sinceramente eu



DOROTY SANTOS
(OBVIOUS MAGAZINE)

acho que a gente deve mesmo é cuidar das nossas próprias vidas e dar uma banana pra essa babaquice de “Ela é isso, ela é aquilo. Ele é isso, ele é aquilo.”.

DOROTY SANTOS é paulistana, bacharel em Letras. Secretária e aventureira no mundo dos escritos.

● O fato é que tanto a mulher quanto o homem são livres para seguir o seu rumo, vai da consciência de cada um, a única condição é que devemos estar preparados para as consequências das nossas escolhas





Cidade de Luanda

LUANDA, A NOSSA NGUIMBI



SANDRA POULSON

O sol abrasador, a chuva refrescante, o pólen das acácias dançando com o vento da tarde, os pássaros cantando em sinfonia querendo abafar o ruído do trânsito de automóveis, os edifícios competindo entre si o rompimento da atmosfera, e as gentes deambulando pelos antigos arruamentos com características de arquitectura tradicional da velha Luanda.

Este é o retrato da cidade onde dei os primeiros passos, onde aprendi as primeiras letras, enfim, onde vi pela primeira vez a luz do Mundo, no longínquo ano de 1962. Num pequeno número ímpar da Rua dos Mercadores morava a minha mãe, Esmeralda Moreira Bastos, e aí vivi e cresci e dela pude ouvir as vivências, aspirar os cheiros e imaginar o passado.

A Rua dos Mercadores é uma das artérias da cidade classificada como imóvel de interesse público¹, situa-se nos Coqueiros, na Baixa de Luanda, nasceu, cresceu e não mudou, tal como eu, recebendo a bênção do Catolicismo, primeiro das Capelas, a do Espírito Santo, edificada em 1628, e a Capela do Corpo Santo, que se situava onde era o Sindicato do Comércio, que deram lugar à Igreja dos Remédios, construída em 1651-1679, e que foi Sé Episcopal de 1825 até bem depois da Independência de Angola, em 1975.

No Sobrado de dois pisos, onde a minha traquinice me fez cair, com um

ano de idade do piso mais alto até aos rés-do-chão, era possível ver os fiéis que se dirigiam para a Procissão, os comerciantes que no outro tempo trocavam peças que eram homens e peças que eram tecidos, marfim, mercurizela, produtos importados como vinhos finos e licores, ouvir as fanfarras do desfile militar do Dia da Cidade, 15 de Agosto, Dia da Restauração de Angola, em que se comemorava a vitória atribuída a Salvador Correia de Sá e Benevides, sobre a ocupação holandesa, (de 24 de Agosto de 1641 a 1648), as salvas lançadas da Fortaleza de São Miguel, os bailaricos nos salões, cheirar a maresia e o esgoto da marginal, sentir o carinho das bessanganas ornadas com oiro, com coração jóia, e viver brincando.

Outrora havia uma praça importante no burgo, que se desenvolvia debaixo de um tambarineiro², cujos ramos se estendem a não permitir a penetração do Sol, e que no princípio da Estação das Chuvas deixa cair em pequenos cachos um fruto agridoce, castanho, com uma casca fácil de tirar e com um carocinho bom de chupar.

MUTAMBA

A praça de que vos falo, a partir da qual se irradiava toda a actividade comercial e não só, e nela estava concentrada a atenção governamental, conti-

nuou sendo importante, mesmo depois do abate do arbusto por volta de 1886, sendo que o seu nome, Mutamba, persistiu toponimicamente e daí entre o povo a pronúncia da seguinte frase “Luanda é Angola, a capital é Mutamba, e o resto é capim”.

A palavra Mutamba é ainda traduzida, ora como peixe, espécie de cação, como largo, e como tambarineiro, cuja casca do caule serve de revestimento de ligação nas quindas.

Mas Luanda não é só a Rua dos Mercadores, nem a Mutamba, nem a Baixa, nem a Baía onde, no meu tempo, quando a maré estava baixa, desaguavam os esgotos a Céu aberto, e que cederam o seu lugar a um jardim e de futuro a vinte e cinco torres de Betão. É muito mais. É o espaço acolhedor, são as suas gentes, vindas com a Guerra e com o pós-guerra, os seus cheiros que variam entre a maresia, o óleo velho de fritar a magoga³ e as frutas das zungueiras⁴ que com elas deambulam pelas ruas, o calor dos próprios corpos, os sons dos Ndeles, garças cândidas de bico preto e patas amarelas, e dos corvos brancos de asas negras, à beira mar, é o seu nome, que foi mudando, ao longo de vários séculos.

Seja qual for o nome atribuído a este espaço geográfico quando aqui chegou Paulo Dias Novais em 10 ou 20 de Fevereiro de 1575, já depois de ter estado em 1560 na Barra do Kwanza, o

que consegui saber é que a ilha que era a Mina (de concha Caurim) do Rei do Congo, e que foi chamada pelo colonizador primeiramente Ilha das Cabras e mais tarde Ilha de Luanda, faz com o Continente uma baía de águas calmas, por isso foi o local considerado o melhor porto de mar jamais visto para navegação, cujas águas vazam do Oceano Atlântico para o Rio, e que faz Terra Baixa, o que em língua local significa Loanda.

Na literatura consultada, deparei-me com as palavras Loanda e Luando, significando esteira, um conjunto de fibras entrelaçadas, que poderiam ser de palmeira, papiro ou outro material, consoante a região, e que têm uma panóplia de serventias, como cama, mesa, assento rasteiro e cobertura nas habitações tradicionais. Na região da cidade de Luanda, distingue-se esteira de luando. Por serem de materiais e estrutura de elaboração diferentes, a primeira enrola no sentido da largura, e o luando enrola sobre o comprimento. Daí eu achar ser correcta a associação, luando, ao nome da cidade de Luanda.

Ao nome deste nosso espaço geográfico, cobiçado por portugueses e holandeses, foi acrescido São Paulo, por ter sido no dia de São Pedro e São Paulo, 29 de Junho, que o Rei congolês, Ngola Kiluange Kya Samba, enviou um Emissário aos referidos ocupantes,

para com eles negociar a sua entrada e permanência, pois estes estiveram ao largo vários meses sem que tivessem autorização para atracar todos os seus barcos na Baía.

Também diz a história que o nome São Paulo se deve à homenagem feita pelos próprios colonizadores, a Paulo Dias Novais, neto de Bartolomeu Dias, também navegante, que comandou as fragatas até à entrada da Ilha do Rei do Congo.

Quando Paulo Dias Novais chegou à Ilha de Luanda, já como Capitão Donatário, em 1575, existia nesse local uma Embala com as suas cubatas, os seus autóctones, devidamente organizados ao redor do Rei Ngola Kiluange Kya Samba. Só um ano depois é que o Capitão Donatário consegue chegar à encosta do morro, onde hoje está a Fortaleza de S. Miguel e estender o seu domínio. Embora a Carta de Doação desse todos os poderes para a constituição de uma Vila, só em 1605 é que esse espaço geográfico a que hoje chamamos Cidade de Luanda recebeu Foral.

A carta de doação que o Rei português deu a Paulo Dias Novais descrevia plenos poderes sobre as terras de Sebaste, na Etiópia inferior, (diga-se parte do actual Estado de Angola), o que já era uma alforria para o território. Mas só em 1605 é que esta recebeu de direito o foral dando-lhe o estatuto de cidade, e por isso neste ano de 2017 comemoramos quatrocentos e doze anos (412) da sua fundação. Embora a maior parte dos historiadores e o próprio Governo Provincial de Luanda, considere a fundação da cidade no ano de 1576, comemorando assim este ano quatrocentos e quarenta e um

(441) da sua fundação.

Esta Terra Baixa, querida por todos, foi ocupada, no ano de 1641, pelos holandeses, determinados a tomar conta de posições espanholas, Portugal nessa época era regido pela Espanha, para apanharem o tráfico de escravos e os próprios escravos, para as plantações do Brasil onde já tinham ocupado posições.

Sete anos depois da ocupação Holandesa, eis que por incumbência do Rei de Portugal, D. João IV, chegam ao mesmo local várias Caravelas portuguesas, comandadas por Salvador Correia de Sá e Benevides, e em 15/25 de Agosto de 1648, entrando outra vez na nossa terra, este diz que ao chegar teve uma visão de Nossa Senhora de Assumpção e foi esta que os ajudou a retomar a cidade. Sendo daí acrescido mais um nome à já então cidade, que passara a chamar-se São Paulo da Assumpção de Loanda.

DE LOANDA A LUANDA

Não ficando por aí a história, a ficção ou até a invenção, dizem os livros que os portugueses, ressabiados com os holandeses, apelidados de Mafulos na "Gloriosa Família" de Pepetela, não gostavam da semelhante sonoridade da palavra Loanda com Holanda, e por isso mesmo, decidiram chamar-lhe Luanda.

O nome da nossa Nguimbi, segundo Assis Júnior, escrito com um acento grave no primeiro "a", portanto Luán-da significa embaixada, mensagem de um soberano. Com todo o sentido, podemos remeter ao encontro que o emissário do Rei do Congo teve com o

do Rei de Portugal. Por sua vez este porto marítimo mas também lacustre, pois as aqui as águas do rio misturam-se com as do mar, foi adquirindo um papel importante no mundo, pela saída de mão-de-obra escrava e de produtos raros e até únicos, como a concha Caurim, o Nzimbo, peixes e matérias primas, certas rochas ornamentais, sílica e outras, que na exportação os comerciantes pagavam impostos aduaneiros, a que chamavam Aduana e que A. de Assis Júnior diz ser o significado de Luanda.

Os súbditos do Rei do Congo prestavam vassalagem pagando tributo em conchas Caurim, ou seja em Nzimbo, e esta prestação era chamada de Loanda.

Por sua vez o local onde se pagava o imposto aduaneiro, onde é hoje o campo dos coqueiros, tomou o nome do próprio tributo, era chamado de Luanda.

Mas ainda não ficamos por aqui. A palavra Luanda também aparece com o significado de etnia. "É um Luanda", dizem os mais velhos. Mas este Luanda não é um qualquer, referem-se a uma pessoa de etnia mista.

Quanto aos naturais da cidade, são ainda aventados vários nomes e formas de escrever a palavra. Chamamos os Loanda, os Luandinos, os Luandenses, os Calús, os Caluandas, os Camundongos, por nos considerarem espartos no sentido de ratos, os Mukua-Luanda, mas sempre distinguindo-nos com os naturais da Ilha de Luanda, que poderiam ter dado o nome à cidade, aos quais chamam de áxiluandas, os lançadores de redes, pescadores, ou muxiluandas.

A nossa cidade é linda, não só por ser minha, mas porque a natureza a fa-

voreceu sobremaneira, pelo clima, pela costa marítima de praia, e principalmente pelas pessoas, nós é que fazemos a cidade, nós é que a animamos ou a entristecemos, nós é que a somos.

A cidade tem de ter habitações, se só tiver serviços é fantasma à noite e aos feriados e domingos, logo o conceito estandardizado, ou nuclear, de cidade, passa a estar alterado, se formos todos viver para a periferia, ou até para cidades satélites. Esta tentativa de tornar a cidade de Luanda fantasma começou na colonização. O colono começou por nos empurrar da Ilha de Luanda para o continente, e deste para cada vez mais longe da costa marítima.

Primeiramente, foi o Rei Ngola Kiluange Kya Samba coagido a abandonar a sua embala, na Ilha, juntamente com os seus súbditos, tendo malembemalembe, devagar devagarinho, caminhado território adentro, fazendo algumas paragens onde plantava uma Mulembeira (*Ficus Welwitschii* Warb) e, se esse rebento pegasse, aí permaneciam algum tempo, a Mulembe uaxa Ngola, ou seja, a Mulembe que Ngola deixou, até que se refugiou em Pedras Negras de Pungo Andongo em Malange.

A introdução e a exploração do território à beira mar era galopante, a intenção era afastar os autóctones da área de influência do colonizador, assim as famílias de comerciantes como a Anacleto Lopes Teixeira, proprietária de grande parte dos terrenos onde hoje é a Mutamba, foi daí desalojada, no princípio do século XX, e empurrada para o actual Largo da Ingombota, tendo mais tarde sido novamente de-



Mutamba colonial



Sandra Poulson com Eleutério Sanches em Lisboa

salojada, para que nesse mesmo local se instalasse o mercado com o mesmo nome. Foi esta precariamente instalada na longínqua periferia da Rua do Maculusso. Hoje neste espaço funciona um departamento do Governo da província de Luanda

Hoje a cidade desertifica-se de pessoas à hora do fecho dos serviços, caminhando milhares delas como que em peregrinação, para longe da cidade antiga, à excepção das economicamente avantajadas que permanecem na cidade em edifícios recentemente construídos.

Durante várias décadas, comemoramos em família o aniversário da minha avó, Cândida Elisbão, no dia 25 de Janeiro, e era discutido entre os mais velhos, porque não seria esse o dia estipulado para as comemorações do dia da Cidade de Luanda. Não pelo facto de a minha avó fazer anos nesse dia, embora ela merecesse tal dignificação, pois tratou toda a sua vida pessoas, tradicionalmente, de doenças da terra e não só, com suas mãos milagrosas e milongos por ela confeccionados. Mas por ser o dia do Apóstolo São Paulo, que, tal como a minha avó, nunca esqueceu e sempre pregou as suas origens.

O Apóstolo São Paulo era judeu e foi obrigado a converter-se ao cristianismo, tal como os nossos antepassados, mas não deixou de pregar o Evangelho Segundo Jesus Cristo com ditames autóctones. Daí ter sido intitulado Apóstolo dos Gentios. É este também o patrono dos escritores.

Falando de escritores, aproveito para render a minha singela homenagem ao escritor, poeta, serigrafista,

pintor, músico, que nos deixou no dia 8 de Dezembro de 2016 com 81 anos de idade, tendo este amado a sua cidade e dela muitas letras escreveu e cantou. Deixo aqui o poema "Luanda (debruçada sobre o mar)", de Eleutério Sanches, com parceria de Armando Miranda:

Luanda

*Debruçada sobre o mar
Onde as ondas uma a uma
Vêm desfazer-se em espuma
À tua ilha beijar*

Luanda

*Da Fortaleza em pendor
Na expressão de uma aquarela
Que o artista com fervor
Pintou majestosa e bela*

Luanda

*Do batuque pela noitinha
E as acácias em flor
És tu Luanda a Rainha
Senhora do meu amor*

A Cidade tem braço registado na Torre do Tombo em Lisboa, constituído por um escudo bipartido com a imagem de Nossa Senhora da Conceição na parte direita, em campo azul e a de São Paulo na parte esquerda, em campo vermelho; sobre o escudo poisa a coroa Ducal. Nossa Senhora da Conceição é orago da Sé e, S. Paulo, o patrono da cidade.

A cidade somos nós, os naturais, os amigos, os que a têm na Muxima.

A esta Luanda bivalve de luxuosos edifícios e de tradicionais cubatas de pau-a-pique, de gente de dentro e de



Salvador Correia de Sá

gente de fora, de terra vermelha e areia branca, de água doce e sal marinho, de sabor a iodo e alegre de Semba, de sol constante e oiro brilhante, eu deixo o meu perpétuo Henda.

Luanda, Dezembro de 2017

ALGUNS DOS LIVROS QUE LI, PARA ESCREVER ESTE ARTIGO

- 1) ALMEIDA SANTOS, José – *A Velha Loanda, nos festejos, nas solenidades, no ensino, Páginas esquecidas da Loanda de há cem anos*, Ed. Camara Municipal de Luanda, 1972
- 2) ALMEIDA, Guilherme – *Léxico Prático, Kymbwndw – Português, Ed. Chá de Caxinde*
- 3) ALMEIDA, Pedro Ramos de – *História do Colonialismo Português em Africa, Cronologia Século XX*, editorial estampa, nº 5, Lisboa 1979
- 4) ALMEIDA, Pedro Ramos de – *História do Colonialismo Português em Africa, Cronologia Século XIX*, editorial estampa, nº 4, V. II, Lisboa 1979
- 5) FERNANDES, Maria Celestina – *A Muxiluanda, Editora chá de Caxinde, Luanda 2009*
- 6) JÚNIOR, António de Assis – *Dicionário de Kimbundo – Português, s. l. e.s.a.*
- 7) MARTINS, Maria João, *LUANDA invenção de uma capital*, ed. Gato do Bosque, Braga, 2014
- 8) MENDONÇA, José Luís – *Luanda fica Longe, e Outras estórias Austrais*, ed. Texto, 2016, Luanda
- 9) PEPETELA – *A Gloriosa Família*, ed. Dom Quixote, 6ª ed. Alfragide, 2009
- 10) PIRES, Rui – *Luanda, Sousa,*

Neves, Desenhos e capa, Pires, Rui, Org. e fotos; ed. Da Direcção dos serviços de econ. – secção de publicidade Porto, s.a.

11) PINTO, Alberto de Oliveira – *História de Angola, da pré – Historia ao início do Século XXI*, Ed. Mercado de Letras, 2015, Lisboa

12) RIBAS, Óscar – *Dicionário de Regionalismos Angolanos*, Fenacult 2014

13) RIBAS, Óscar – *Temas da vida angolana e suas incidências*, Fenacult 2014

14) SANCHES, Eleutério, *Serenata a Luanda II*, Nzila.

15) VALADÃO, Isabel – *Loanda – Escravas, Donas e senhoras. Romance Histórico - Bertrand Editora, 2ª edição, Lisboa, 2011*

1-Nos termos do artigo 30º do decreto nº 20:985, de 7 de Março de 1932, tornado extensivo à Província de Angola pela Portaria Ministerial nº 13:302, de 18 de Setembro de 1950, e válido nos termos da Constituição da Republica de Angola

2-Arbusto de 3 metros de altura, com folhas persistentes (*Grewia Welwitschii* Burret).

3-Pedaços de frango frito na rua à escolha do cliente, e nela vendido acompanhado de pão " burro ", contendo dentro repolho cortado às lascas, com maionese e ketchup.

4-Vendedoras ambulantes que nou tro tempo chamávamos quitadeiras, essas transportavam o seu produto em quindas e agora fazem-no em bacias de plástico que chamam banheiras.

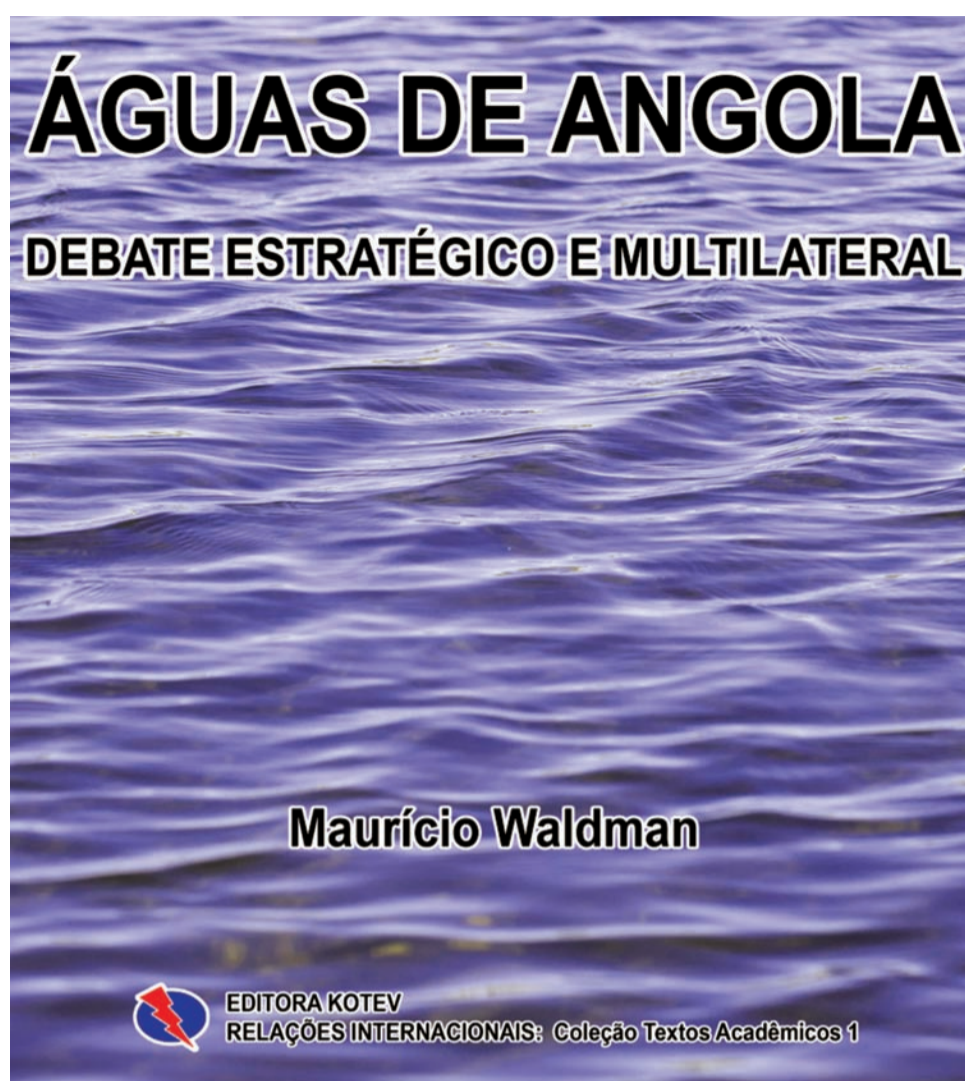
ÁGUAS DE ANGOLA DEBATE ESTRATÉGICO E MULTILATERAL



Maurício Waldman

Águas de Angola: Debate Estratégico e Multilateral é uma publicação que tem por objectivo inventariar e arrolar os principais aspectos que envolvem a questão dos recursos hídricos em Angola, jovem nação africana com muitos laços que a atam ao Brasil. Tema que angaria muitas reflexões - ambientais, geográficas, históricas, económicas, culturais, sociais e políticas - a obra, da pena do africanista brasileiro Maurício Waldman, resulta de diversas pesquisas realizadas pelo autor no campo dos recursos hídricos,

tendo por eixo motivador a República de Angola. O livro reúne dados primeiramente trabalhados em conferências, artigos e papers elaborados durante vários anos, particularmente no período 2010-2014, quando o autor desenvolvia pesquisa de Pós-Doutorado na Universidade de São Paulo, trabalho sob supervisão do Professor Fernando Augusto Albuquerque Mourão (USP), destacado especialista em África. Águas de Angola: Debate Estratégico e Multilateral é material centrado na área de Relações Internacionais, mas também agregando contribuições interdisciplinares, em especial da geografia, hidrologia e da economia aplicada. O livro fornece uma visão geral da problemática da água, nos recortes globais, continentais africanos e da África Austral; avalia o papel de Angola na agenda mundial e regional relativa à água doce; traça um perfil das águas doces de Angola; discute aspectos comuns com o Brasil; demarca a relação com a biodiversidade; ressalva problemas ambientais dos resíduos sólidos e fundamentalmente, as conexões objectivas que transformam



as águas doces em item obrigatório da agenda das relações multilaterais. Águas de Angola: Debate Estratégico e Multilateral agrega além notas editoriais, explicativas e contextuais, os dados mais recentes disponibilizados

pela literatura especializada. Obra fluente e bem fundamentada é uma contribuição a todos que desejam conhecer e discutir a questão dos recursos hídricos, o universo das relações bilaterais e a realidade angolana.

AOS ARTISTAS QUE A MORTE BEIJOU EM 2016

MATADI MAKOLA |

Por cá, de rajada, com Eleutério Sanches e Carlos Pimentel, vimo-nos obrigados a aceitar, a não conseguir refilar contra o facto, a não dizer não. Como somos impotentes! Sim, bastante. Mas antes, já a morte nos tinha dado outro beijo, quando poisou entre nós e, ao soltar voo, não teve o descuido de se esquecer de levar Moisés Kafala. Como queríamos que ela se esquecesse! Que passasse por ele desavinda e histérica com tanto que os vivos já sofrem, que, aliás, de observar tantas formas de morte criadas na terra, ganhou uma certa fobia de estar entre nós. E ainda entre nós, africanos, o ano que abre herda o vazio de estarmos sem Papa Wemba, o nosso irmão congolês que já se podia dar ao luxo de assumir a categoria de soba no grande jango dos artistas africanos, pela discografia abrangente, sucesso e respeito internacional; tudo acumulado devido à sua reconhecida genica e génio artístico.

Para lá das nossas terras, as tão grandes América e Europa dos nossos dias também choraram, ao saber que o corpo de um grande artista de língua inglesa e nome singular da música mundial do século XX, Leonard Cohen, não resistiu à morte. O mesmo aconteceu a Prince, Maurice White, David Bowie, Dario Fo, George Michael (autor

de *Careless Whisper*, tema que é música de fundo de um dos programas de rádio mais queridos da nossa Luanda), à Sharon Jones, e outros artistas não mencionados aqui.

Irónica como é a vida, fechara também os olhos aquele que tanto nos desafiou a abrir a mente: Umberto Eco, ele que, em "A Definição da Arte", peremptoriamente propusera: "*Conteúdo da obra é a própria pessoa do criador que, ao mesmo tempo, se faz forma, pois constitui o organismo como estilo (reencontrável em cada leitura interpretante), modo como uma pessoa se forma na obra e, ao mesmo tempo, modo no qual e pelo qual a obra consiste. De tal maneira que o próprio assunto de uma obra mais não é do que um dos elementos no qual a pessoa se exprimiu tornando-se forma*". Esta definição de Eco sustenta a ideia de que os artistas, de fruição e elevação intemporal, não morrem. Jamais morrem. Vertem-se no que fazem e pela forma como o fazem. Assim, podemos dizer apenas, a referimos, é claro, à matéria transportadora: a carne, a tábua, o ferro ou seja lá qual artefacto usado para constituírem o seu espectro, que fugiram, escapuliram, bazaram, desvaneceram, deteriorou, saparam, saíram simplesmente da vida. Mas não: não morreram. Sempre foi missão e privilégio de artista dizer não à morte.



Papa Wemba



Umberto Eco